

A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E A GINÁSTICA GERAL: algumas considerações

Andréa Rodrigues de Amorim, Centro Universitário Anhanguera, Leme, SP, Brasil Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral FEF – UNICAMP amorim.andréa@terra.com.br

O presente trabalho pretende apontar algumas considerações sobre a formação universitária em Educação Física e ainda sobre como a disciplina Ginástica Geral está inserida nesse contexto. No Brasil há uma proliferação de cursos de Educação Física e uma “mercantilização” do seu ensino, muitas vezes com programas que podem comprometer a qualidade da formação profissional. Nos diversos cursos superiores em Educação Física, percebemos tendências curriculares diversificadas baseadas numa legislação marcada por mudanças últimos anos (Parecer CNE/CES 138/2002, Parecer CNE/CES 58/2004, Resolução CNE/CES 7/2004, Parecer CNE/CP 009/2001). Constantes mudanças podem acabar possibilitando elaborações de projetos político-pedagógicos equivocados, permitindo uma formação inadequada perante aos interesses da sociedade em relação à atividade física. É nesse cenário que se encontram as diversas áreas de conhecimento da Educação Física, com currículos que contemplam algumas disciplinas gímnicas, como as ginásticas: geral, artística, rítmica, de academia. A forma como essas disciplinas estão inseridas nos cursos de Licenciatura e Graduação em Educação Física, priorizando por vezes somente a dimensão técnica, pode ser reflexo dessas questões político-pedagógicas aqui apontadas. Entende-se que é fundamental contextualizarmos a universidade para entendermos como se dá a formação de professores. Especificamente em relação à Ginástica Geral (GG), entendida como “uma ‘ginástica para todos’, acessível a todas as pessoas, aberta para a participação; como uma ginástica de grupo, com grupos; como uma ginástica simples, sem restrições a regras e que, portanto, cria espaço para diversidade e para a criatividade, e, em especial, como uma ginástica do prazer, da felicidade e do divertimento.” (AYOUB, 2003, p. 54), percebe-se no meio universitário uma falta de referencial conceitual. Rinaldi et al. (2001, p. 71) aponta uma concepção limitada, tanto do corpo docente quanto no discente sobre essa atividade gímnica. Essa falta de entendimento é apenas um dos problemas que podemos destacar. Além desse, acredita-se que temos que discutir mais sobre a GG na universidade, ou seja, questões tais como: a disciplina está contextualizada no ensino superior?, de que forma estamos pensando a formação de professores de ginástica que irão trabalhar em ambientes formais e não formais?, estamos promovendo a interdisciplinariedade com a essa disciplina defendida nas diretrizes curriculares? podemos trabalhar com a GG num currículo menos fragmentado e mais flexível? entre outras, são relevantes nessa discussão. O número de pesquisas e trabalhos apresentados em encontros da área e publicados em revistas especializadas sobre o assunto vem crescendo significativamente, mas os específicos de GG na universidade, (Rinaldi et al., 2003; Toledo, 2005; Amorim et al., 2005) ainda são reduzidos. O meio universitário é determinante para o crescimento da GG no Brasil (Toledo, 2005), portanto, o breve trabalho abre espaço para discussões e outros trabalhos com esse intuito.